

# O social e o tecnológico: questões da ultramodernidade

*Stephen Pfohl é professor e coordenador do Departamento de Sociologia do Boston College, Massachusetts, Estados Unidos. É editor, juntamente com Arthur Kroker do periódico 'Ctheory', uma das mais influentes publicações eletrônicas sobre cibercultura. Suas pesquisas encontram-se entre a teoria social crítica, a sociologia pós-estruturalista, sociologia da arte e a cultura pós-moderna. Pfohl é também artista gráfico e as questões relativas à imagem estão sempre presentes em seus textos. A entrevista foi conduzida por Adriana Amaral, doutoranda do PPGCom/PUCRS e atualmente em estágio de Doutorado pelo CNPq no Boston College, MA, USA.*

**RF:** A maior parte do seu trabalho tem a ver com as questões relativas a pós-modernidade. Você acha que a pós-modernidade mudou? De que forma? Ainda é válido falar sobre esse conceito?

**SP:** Eu vejo a pós-modernidade de duas maneiras gerais. Uma diz respeito as diferentes culturas, a estar atento a elas.

Às vezes a pós-modernidade é usada num sentido crítico, então percebemos tendências dominantes de uma modernidade imperial, as noções de gênero, de raça, de relações de classe, tudo isso se torna historicamente datado, então, a nova metodologia se torna a desconstrução, o desconstrucionismo ou as teorias pós-coloniais.

Tudo isso acaba ressoando como um tipo de pós-modernidade, pois chama atenção para as formas que a modernidade deixou de lado.

Pelo menos por um ângulo crítico, o conceito de pós-modernidade continua válido.

Você vê isso na Universidade, através das influências interdisciplinares, seja na sociologia, na crítica literária, na filosofia. Isso é, num sentido afirmativo.

De qualquer forma, para mim esse sempre foi o sentido mais fraco da palavra.

Eu sempre penso que o sentido mais forte e também o mais problemático é a maneira como o poder tem mudado, a maneira como as novas tecnologias de comunicação, de transporte, até de imaginação, começaram a alterar a experiência do corpo, as experiências psicológicas, assim como, as formas econômicas com as quais fazemos negócios.

Eu realmente não tenho certeza se pós-modernidade é a melhor palavra para isso.

Às vezes, eu tenho utilizado a palavra

Stephen Pfohl

Boston College - USA

ultramodernidade, pois em muitos momentos, parece que ainda não se foi além das contradições modernas.

Houve mudanças. Claro que é verdadeiramente diferente do que era há uns 20 anos.

Para melhor e para pior. Acabei de me encontrar com uma estudante de pós-graduação que está fazendo a dissertação sobre cirurgia plástica.

A opção como consumidor de refazer seu rosto, literalmente, não existia e agora existe. Isso é uma coisa boa ou ruim?

Não é algo que simplesmente pode ser enquadrado dessa forma simplista.

É algo diferente, que com certeza intensifica as ansiedades e os pesos sobre as mulheres, que tem sempre que aparentar juventude corporal, se mostrar bonita dentro dos padrões convencionais.

Por um lado, você ganha opções, pois as novas tecnologias mudam a sua apresentação para o mundo, lhe dando liberdade e mobilidade.

Por outro lado, ainda são os mesmos problemas.

Ter de parecer a eterna jovem bonita, ser reconstruída para se parecer com a modelo.

Eu tenho pensado em coisas como ultramodernidade e a forma como o poder tem se intensificado através das novas tecnologias e das novas estruturas organizacionais, ou seja, a maneira como o poder age nas hierarquias.

Em um certo nível, a obra de alguém como Baudrillard, vai muito nesse sentido.

É provavelmente melhor pensar sobre ultramodernidade ou intensificação da modernidade por não estarmos além das contradições.

Nós estamos além do colonialismo formal, isso é verdade, mas ainda existem muitas formas de colonialismo.

Por exemplo, Porto Rico ainda é uma colônia dos Estados Unidos, mas não da mesma forma que no século 18.

Mas ainda existem sombras do colonialismo, sombras do racismo, na forma

como pensamos. Na maneira como as pessoas dos Estados Unidos se aproximam das pessoas do Oriente Médio. Isso mostra bem o poder colonial, mesmo que os EUA nunca tenham colonizado o Iraque ou a Arábia. Mas fomos cúmplices da maquinaria cultural. E agora, é ainda mais complexo, pois vemos isso na TV, na internet, então em um certo sentido, ainda acho que não houve uma descolonialização. Acredito que seja uma alteração do poder. Se é pós? É diferente do que era na metade do século passado, nesse sentido sim é pos.

**RF:** Você citou o Iraque. E como você analisa o contexto dessa campanha política Bush versus Kerry e as políticas externas dos EUA?

**SP:** Antes da entrevista, estávamos falando sobre A sociedade do Espetáculo, de Guy Debord e em um certo sentido, essa eleição é isso. Você tem essa coisa manufaturada, um aspecto dimensional do mal. Pelo menos a maioria dos eleitores americanos está confusa quanto à especificidade histórica de terem sido atacados pela Al-Qaeda de uma maneira terrível.

Mas há uma espécie de borrão, de confusão, de forma que o Iraque não tinha nada a ver com os ataques e acabou se tornando o alvo.

Quando eu falo com minha mãe sobre isso, ela diz: "Não poderíamos fazer nada. Nos temos que nos defender." Mas é exatamente o que Kerry diz: "O Iraque não nos atacou. Porque vamos atacá-lo?". De uma certa forma é irônico, pois deveríamos ter mais informações precisas, informação global, através de livros, da TV, da Internet. A informação está lá, mas essa política dominante do medo acabou se tornando algo emocional que impede as pessoas de enxergarem as informações. A maioria da população norte-americana não lê muitos livros teóricos, pesquisas, mesmo os chamados jornais liberais e de uma certa forma, acabam crendo nos estereótipos. De alguma forma, as novas tecnologias deveriam

nos possibilitar estar mais bem informado, mas parecem apenas continuar a mostrar o mundo dos "outros", o colonialismo. É claro que o Iraque não é uma nova colônia dos Estados Unidos, mas de alguma forma estamos continuando o imperialismo.

Apesar de termos informação rápida, maioria dos eleitores parecem estar desinformados. A maioria da população americana está isolada pela fascinação e pelo medo. Estão apenas cativados pelo espetáculo das cirurgias plásticas de transformação do corpo (como nos programas de transformações<sup>2</sup>, por exemplo). O corpo está desaparecendo? Você é chamado de esnobe por tentar ser complexo. Por exemplo, no discurso de Kerry, ele fala que essas questões são complexas, enquanto Bush tenta simplificá-las, transformando-as em uma linguagem popular, emburrecedora, dizendo: "Isto não é complexo, se há um inimigo, nos vamos atrás dele." Mas ele não sabe nada de história

**RF:** Você citou a desconstrução como metodologia da pós-modernidade e Derrida morreu dois dias atrás (10/10/2004). Como você vê o legado da obra dele dentro desse contexto do qual estamos falando?

**SP:** A mim parece que a parte mais importante do legado de Derrida é utilizar as idéias que estavam em segundo plano e as colocá-las em evidencia, por exemplo em questões a respeito de como o conhecimento se dá, quais as formas de verdade válidas, etc. Ele fez isso através de um engajamento dos discursos da filosofia e a construção formal da verdade, a ciência formal. Ele tentou mostrar que todas essas coisas têm um lado sombrio e que sempre foram criadas grandes hierarquias nas quais algumas coisas ficavam em evidencia, sendo privilegiadas, assim, ele tentou de uma certa forma, reverter para as questões "minoritárias", esquecidas, tensionadas, sombras, como o livro "Espectros de Marx". Essas sombras permanecem como fantasmas do que o poder gera. Esses fantasmas

não vão embora.

O trabalho dele foi muito importante politicamente por tentar desfazer o senso comum. Não apenas tentar revertê-lo para tirar o que estava em evidencia, mas realmente tentar recarregar o conhecimento eticamente, assim como todos os tipos de ações e conhecimentos, sempre em um sentido de examinar as fundações ocidentais. O que é estranho é que a cultura popular americana se apropriou do termo desconstruir. Então, agora eu posso desconstruir os Yankees. Estou falando isso, pois os Red Sox de Boston estão nas finais do baseball com os Yankees de New York<sup>3</sup>. Os repórteres usam termos como "vamos desconstruir os Yankees e ver se eles são melhores bateadores". Isso não é exatamente o que a palavra significa. O que ela significa é ver o que está por baixo da superfície.

**RF:** Acredito que acontece o mesmo com o termo pós-modernidade, por exemplo.

**SP:** Sim, exatamente. A pós-modernidade virou um termo da moda na MTV. E assim, o conceito se esvazia. É muito esquisito. Eu estava lendo um livro sobre como utilizar termos pós-modernos, um livro que enfoca como os negócios mudaram através das novas relações globais. O texto apenas celebra coisas como relatividades e possui até um capítulo falando sobre o termos de Baudrillard como hiper-realidade e simulacro, dizendo como devemos utilizar isso para fazer negócios. Há algo de muito estranho nisso.

**RF:** Qual a relação entre as tecnologias, a cibercultura e a pós-modernidade?

**SP:** É uma relação ambivalente. Há pessoas como McKenzie Wark - que recentemente lançou uma obra que tem gerado polemica chamada A hackers manifesto - que tenta mostrar que há um lado crítico na cibercultura, procurando mostrar as diferenças, então nesse sentido, ele se torna um crítico desconstrucionista. Há muitas esperanças

utópicas na cibercultura, fazendo as pessoas terem acesso às possibilidades virtuais que estimulam a imaginação, assim como a obterem informações sobre o seu próprio local geográfico.

Tudo isso são benefícios da tecnologia. Mas, por outro lado, alguns dos principais usos da tecnologia parece ser influência, fascinar, nos mover para além da cognição. O que, não é, necessariamente uma coisa ruim. Nos sabemos dos limites da cognição moderna, de estar preso ao tempo e ao espaço, de não prestar atenção para toda a corporificação sensorial, mas o que mais vemos é o simples uso das novas tecnologias da cibercultura não para estimular a nossa reflexão, e sim para preencher tempo. Eu posso passar minha vida inteira na internet e nunca vou conhecer o suficiente, ela apenas faz com que eu me movimente de uma página para a outra, uma estória para outra. Não é nostálgico pensar em como vamos utilizar essas tecnologias para criar mais senso de justiça, para transformar a sociedade, respeitar as diferenças.

Mas para isso, você precisa de tempo para processar isso. De certa forma, você precisa de tempo para meditar. E algumas vezes, as dificuldades com as novas tecnologias da cibercultura é que elas são baseadas na velocidade. Elas são instantâneas e com muito pouca memória, apesar de virtualmente toda a informação estar disponível lá. Estamos sempre na cultura do momento, por exemplo, inventando novos nomes para doenças como, distúrbio de déficit de atenção. Talvez ela seja uma condição corporal antiga para a qual achamos um novo nome. Mas talvez ela seja mesmo uma nova condição psicológica que acontece devido à inundação de informações que recebemos. Eu suspeito que tem muito a ver com essa segunda categoria quando as pessoas não conseguem lembrar do que conheciam ontem, mas estão completamente cheias de novos "fatos". A atenção dessas pessoas parece se mover em dez direções ao mesmo tempo, em vez de uma. Há vantagens nisso, geralmente nos dizemos "é bom, pois você

é multi-tarefas", pois se você trabalha em um escritório de alta tecnologia tem que ser capaz de atender ao telefone, responder as mensagens na internet e falar com alguém ao mesmo tempo. Mas, também se perde a atenção de fazer julgamentos realmente importantes sobre o futuro das tecnologias nos tempos modernos. Para isso, você precisa ser mais intenso e concentrado. Eu me questiono como essas tecnologias podem trabalhar conosco em oposição a trabalharem através de nós.

**RF:** Dadas as novas tecnologias, como você vê o papel da memória?

**SP:** Bem, se os EUA é um dos protótipos da cibercultura, então eu estou sugerindo que há vastas partes dos EUA que possuem muito pouca memória e apenas uma consciência imediata do que está no sistema naquele dia. Realmente, para entender porque os EUA ameaçam o Iraque, precisamos conhecer mais história. O que é o Iraque como país, qual a relação com os EUA e a verdadeira história do longo envolvimento dos EUA com Saddam. A aliança de Saddam com os EUA foi colocada de lado quando ele se tornou um ditador monstruoso, algo que também é verdade a respeito dele.

Mas nós, americanos, parecemos não ver a relação de cumplicidade. Desviamos nosso olhar sobre a ocorrência ou não das armas químicas. Os EUA e a Inglaterra, através de sua inteligência secreta, sabiam completamente disso. Então, 20 anos depois, eles chamam de "crime contra humanidade", querem colocar Saddam em julgamento, etc. Se nos tivéssemos mais memória, nos entenderíamos melhor as contradições de nossas políticas externas correntes.

**RF:** Foi o mesmo que aconteceu com as ditaduras militares na América Latina.

**SP:** Sim, é muito similar. Até mesmo na conexão dos EUA com a América Latina. Os EUA apoiaram essas ditaduras, mas essa

memória de curto prazo não permite que você lembre dessas coisas, coletivamente. Então o que é interessante nessa eleição presidencial nos EUA é que John Kerry, de um certo modo, parece entender melhor algumas das políticas entre os EUA e a América Latina e se tornou um crítico delas. Elas aconteceram das piores formas, como no caso de El Salvador e Nicarágua durante o governo Reagan. Agora, Reagan se tornou um santo americano, então, aparentemente, não é bom criticá-lo.

Agora, durante os debates presidenciais, a imprensa começa a dizer que Kerry estava fraco nas respostas pq estava criticando o orçamento militar de Reagan. Para Kerry se defender, ele tem que recorrer a História e lembrar as pessoas do que aquele orçamento realmente estava causando, pois estava apoiando esquadrões de morte na Guatemala, em El Salvador, na Nicarágua, e por toda a América Central. Mas as pessoas não lembram disso. Então, é mesmo uma desvantagem lembrar as políticas da consciência histórica nesse contexto, onde a política se converteu totalmente em espetáculo. Todo o mundo deveria se preocupar com os EUA. Nos temos observado várias pesquisas ao redor do mundo, na América Latina, aonde as pessoas são perguntadas sobre qual o país que elas mais temem, se é o Iraque ou os EUA? E eles respondem, os EUA. Os EUA parecem não compreender suas próprias intenções.

**RF:** Você acredita que esse excesso de informação tem algum tipo de efeito na forma como processamos o conhecimento?

**SP:** Sim. Provavelmente ele nos transforma em criaturas corporalmente diferentes. Nossas estruturas neurológicas não estão separadas do nosso ambiente. Literalmente, o tipo de máquinas com as quais interagimos, as formas organizacionais das quais fazemos parte, elas nos processam tanto quanto nos as processamos. Nossas sensibilidades se tornam diferentes, a maneira como escutamos, a maneira como nos sintonizamos

nas coisas. Podemos dizer que pode ser para melhor, pois podemos expandir nosso entendimento sensorial, mas isso também pode ser tão apavorante que faz com que as pessoas retornem ao que é aparentemente mais seguro, ao que elas já conhecem. O que nos traz de volta a imagem de Bush. O que ela tem de tão apavorante para as pessoas não é apenas as questões específicas como a política externa, mas sim a imagem dele, a forma como ele aparece.

As pessoas ficam muito ansiosas física e psicologicamente a respeito dessas mudanças. Nos deveríamos refletir mais, nos darmos mais tempo para tentar compreendê-las. Usualmente, muitas dessas mudanças são apresentadas positivamente nas questões de definições de orçamento para as pesquisas genéticas, mas, se pudermos manipular os genes para combater doenças, podemos estar dando o primeiro passo em direção a criação de um outro tipo de espécie. Se você pode manipular genes para combater o mal de Parkinson, você pode manipular genes para criar um certo tipo de cultura, física e emocionalmente, uma nova espécie. Uma cultura na qual as pessoas podem não morrer. Isso é radicalmente distinto da definição do que significa ser humano, onde sempre houve um horizonte final. Então, existem as pessoas que trabalham com genética e inteligência artificial, pessoas como Hans Moravec, que querem transpor a mente para o computador e permanecer conectado eternamente. Nos ainda nem sabemos muito a respeito do processamento neurológico e já queremos simulá-lo em um micro-chip.

Enfim, tudo isso tem enormes implicações. E apenas algumas das pessoas estão prestando a devida atenção à ciência, todavia, as implicações já estão repercutindo na cultura e creio que elas estão em um nível inconsciente da ansiedade. Então, aparecem “soluções” simplistas, imagens fortes, como por exemplo a de Bush, o cowboy, mas de alguma forma elas estão em contato com as tecnologias que elas celebram. Eu não tenho apenas uma forma de pensar isso, não te-

inho apenas um julgamento. Acredito que, muitos de nos, por estarmos em diferentes sistemas de informação e de rede, possuímos sensibilidades diferentes.

Contudo, para sermos capazes de fazermos escolhas, é preciso tempo para meditar. Devemos optar pela clonagem? Entendo que a clonagem pode eliminar doenças, mas e quais são as implicações disso, ainda mais quando ainda estamos presos em estruturas hierárquicas de poder. Quem fará as decisões? Será de acordo com a classe social? Será que não estamos produzindo noções fascistas? Isso me preocupa.

**RF:** Um dos conceitos centrais no seu trabalho são as imagens de resistência, de desvio. Qual o papel delas dentro desse contexto sociológico?

**SP:** Novamente, nossa habilidade de usar imagens pode ser mais intensa, até mesmo para o propósito de divergência, de desvio, de resistência e auto-reflexão. Eu procuro colocar as imagens da TV, da internet, em minhas aulas, por exemplo, em um contexto diferente, desacelerando-as com o objetivo de fazer com que as pessoas possam ser seus próprios pesquisadores, pois elas literalmente funcionam como um gatilho, disparando a consciência, as memórias. Assim, através das imagens visuais, podemos ter um debate.

Não temos como nos livrar do conglomerado midiático das grandes corporações. Mas apenas pelo ato de pensar sobre as imagens em um diferente contexto, distinto do entretenimento pelo menos levanta a questão de como nos as produzimos coletivamente. Então a mídia, pode certamente servir como objeto para uma dimensão crítica. Eu não vou dizer a ninguém: "Desligue a TV". Mesmo quando ela está ligada 24 horas por dia e acabamos não a distinguindo mais do resto do ambiente. Quando eu visito minha família, por exemplo, a TV nunca está desligada. Então você a escuta, num quarto, na sala. As pessoas interagem umas com as outras enquanto jantam, mas

os sons estão ao fundo. Ocasionalmente alguém comenta sobre o jogo ou sobre um novo comercial.

**RF:** Aonde você localizaria os novos movimentos sociais, a partir das novas tecnologias como por exemplo o software livre, o feminismo, ou a luta pela liberdade de informação na internet?

**SP:** Dentro da complexidade que vive, os movimentos sociais são jogadores importantes. As pesquisas de Antonio Negri e Michael Hardt evocam uma certa consciência política, de uma forma que o sentido acaba sendo mais energético. Eu sei que eles são influenciados por Spinoza e outros trabalhos que falam que o planeta é vivo e algumas das nossas tecnologias podem estar sintonizadas com isso. Eu não faço diferenciação entre tecnologia e natureza, porque a tecnologia está dentro da natureza.

Humanos são animais naturais e os nossos artefatos tecnológicos, para melhor ou para pior, fazem parte da natureza também. Então, esses novos movimentos sociais fazem parte dessa conjuntura. Mas agora, eles ficam mais complexos, mais descentralizados devido a esse enorme acesso tecnológico e, provavelmente, com isso, eles ficam mais fortes, pois há uma tentativa de análise da sociedade com uma especificidade maior. Isso me deixa bastante curioso, a relação das tecnologias com esses movimentos. Você vê alguém como Michael Moore, que, de alguma forma está usando as antigas técnicas de montagem e filmagem, aliando isso ao senso de humor bobo norte-americano. Com isso ele tem atingido muitas pessoas, abrindo uma discussão. Eu fico muito intrigado com o fato de que os eleitores de Bush, se sentem enojados por Michael Moore e na maioria das vezes eles nem assistiram os filmes. Ele se tornou um ícone do mal comportamento. É engraçado, pois ele vem da classe trabalhadora, não completou a faculdade, aprendeu a filmar, pegou a arte e a colocou na arena política. Obviamente ele é culto, mas não possui

uma educação formal, o que é algo inusitado. Os livros e filmes dele são informativos e de certa forma podemos considerar isto um movimento social.

**RF:** Eu gostaria de voltar mais uma vez à questão do corpo. Eu estava pensando que, talvez, de alguma forma, ainda estamos tratando o corpo e mente como entidades separadas, de uma forma cartesiana. Podemos observar isso em distintas representações como filmes, livros e na própria ciência.

**SP:** Eu sei que a evolução corporal vai continuar acontecendo. Nos estamos num mundo onde o corpo está em evidencia e ao mesmo tempo e nossas moléculas são substituídas a cada minuto. Mas somos criaturas corporais em nossas fantasias, em nossas visões mentais. Essas coisas estão localizadas na "carne". Até mesmo na interação com outros humanos.

Então eu sempre penso que a maquina virtual, a informática, sempre envolvem a carne, seja o operador, sejam aqueles que estão envolvidos na rede de comunicação, etc. Certamente, alguém como Hans Moravec realmente leva essa separação a serio, dizendo que não devemos ser nostálgicos pelo corpo em um mundo pós-biológico. Para mim, esse é o pior tipo de imaginação, e em um certo sentido, essa é uma palavra estranha de usar nesse contexto, mas se parece muito com a imaginação do fascismo. Eu fiquei bastante impressionado por um livro chamado "Male Fantasies" de Klaus Theweleit, que é um estudo sobre como os homens alemães se tornaram fascistas. Ele estudou um grupo chamado Freikorps, estudou os seus diários, os escritos, os discursos. Esse foi o grupo que acabou se tornando o centro do partido nazista. E em um certo sentido, o fascismo é o medo da carne, o medo da imperfeição. Esse ódio que eles tinham, não era apenas pelos judeus, mas pela feminilidade, pelo corpóreo. O masculino sendo a mente, a mulher sendo o corpo e, ao mesmo tempo, a armadilha é que os homens heterossexu-

ais se sentiam atraídos pelas mulheres, mas possuíam medo dessa atração e acabavam dividindo-as em prostitutas ou virgens. Todas essas coisas aconteceram na Alemanha pré-nazista mas ainda ecoam atualmente, nesse medo da carne, na questão da mente pura. Nos não temos nada puro. Tudo é interdependente.

Tenho me interessado por Anthony Wilden, um dos primeiros teórico da cultura cibernética. Ele escreveu um livro chamado "Sistema e Estrutura: ensaios sobre comunicação e troca" de 1972. Ele faz uma reversão do que se chama de hierarquia cibernética, onde a informação quase sempre aparece como primeiro dependente da matéria, da energia viva. Então, para ele, a informação é menos do que a matéria. A informação reduz o "ruído" e desenvolve uma perspectiva seletiva, mas é sempre parte da matéria e nunca ela por inteiro. Há algo que eu vejo como muito positivo nisso. Não é uma perspectiva totalmente anti-tecnológica, mas dá um sentido mais amplo para a matéria viva.

**RF:** Para encerrar nosso diálogo, você acha que estamos vivendo em um mundo de ficção-científica?

**SP:** Sim, definitivamente. Acredito que cada ciência é parcialmente uma ficção, já que todas elas são baseadas em histórias seletivas, em percepções, em narrativas, pois sendo narrativas elas escolhem um ângulo em vez de outro. Isso não significa que estejamos rejeitando ou desconsiderando a ciência, mas sim, estamos pensando mais rigorosamente na maneira como a ciência tem sido guiada por narrativas. Hoje, a imaginação da ficção também está totalmente modificada por todas as formas de ciência e tecnologia. Isso altera nossa forma de perceber a ficção hoje. Nossas subjetividades, nossos corpos não existem independentemente das tecnologias que os acompanham. Quando eu dou cursos sobre pós-modernidade, costumo utilizar um livro de Don De Lillo, chamado White Noise (1985). De alguma

---

forma, essa novela é pré-cibercultura em um certo nível. Ele fala do barulho da geladeira, da eletricidade, das pessoas nos shopping centers, do barulho do motor do carro. Tudo isso faz parte do nosso cotidiano. É um livro de ficção, mas me parece muito mais sintonizado com a pós-modernidade do que muitos estudos sociológicos. A ficção realmente nos ajuda a ler os signos da contemporaneidade •

THEWELEIT, Klaus. *Male Fantasies*. Minneapolis: University of Minnesota Press 1987

WARK, McKenzie. *A hackers manifesto*. Harvard University Press, 2004.

WILDEN, Anthony. *System and structure: essays in communication exchange*. London: Tavistock Publications, 1972.

## Notas

\* Entrevista conduzida por Adriana Amaral, doutoranda do PPGCOM/PUCRS.

1 [www.ctheory.net](http://www.ctheory.net)

2 Um exemplo desses programas é o Extreme Make-Over, anode alguém escreve para a produção do programa pedindo para sofrer uma mudança e a pessoa escolhida passa por cirurgias plásticas, tratamentos, etc.

3 Ambos os times possuem uma rivalidade histórica a exemplo de Brasil e Argentina no futebol.

## Referências

*Stephen Pfohl:*

Página pessoal: <http://www2.bc.edu/~pfohl>

PFOHL, Stephen. *Death at the Parasite Cafe: Social Science (Fictions) and the Postmodern*. New York: St. Martinis Press, 1992, 319 pp.

PFOHL, Stephen. *Images of Deviance and Social Control: A Sociological History*, 2nd Edition. New York: McGraw-Hill Book Co., 1994, 528 pp.

PFOHL, Stephen. *Venus in Video: Cybernetic Capital and Ultra-modern Power*, forthcoming.

*Livros citados:*

DELILLO, Don. *White Noise*. New York: NY Viking, 1985.